



## 1.1 • Conjuntura Internacional

### A escolha de Guterres

António José Seguro

A ONU ABRIU-SE À CIDADANIA e aproximou-se desta ao ter escolhido o candidato, consensualmente considerado, melhor preparado para desempenhar o cargo de Secretário-geral.

#### O processo de escolha

Quebrando uma tradição de setenta e um anos, a Organização das Nações Unidas (ONU) promoveu um novel processo de designação do seu décimo Secretário-geral (quinquénio 2017 – 2021).

Os candidatos apresentaram-se com meses de antecedência, realizaram-se audições públicas, debates televisados e seis votações no Conselho de Segurança, com a respectiva publicitação dos resultados. Este processo acrescentou transparência às inevitáveis negociações dos corredores do poder e os cidadãos interessados puderam acompanhá-lo e fazer as suas próprias avaliações em relação aos candidatos.

Se acrescentarmos ao novo processo e ao mérito da escolha, a fraca votação que a “candidata de última hora” (Kristalina Georgieva) obteve, então a ONU tem motivos para felicitar-se a si própria e reencontrar-se com parte do seu idealismo fundacional.

O novo processo não poderia ter corrido melhor e será muito difícil, senão impossível, recuar para os tempos do secretismo da escolha que dominou as últimas sete décadas. De certo modo, a eleição do novo Secretário-geral é um sinal de alguma necessidade/vontade de mudança no seio da ONU, embora a reforma seja um tema delicadíssimo e, por essa razão, tenha ficado de fora do *Vision Statement* da candidatura de António Guterres.

#### Um Secretário-geral de iniciativa política

O Secretário-geral eleito através de um processo desta natureza sai, inevitavelmente, com uma legitimidade reforçada. A esta legitimidade soma-se a unanimidade da sua recomendação (pelo Conselho de Segurança) e da sua nomeação (Assembleia Geral), bem como o elevado número de votos de encorajamento que obteve ao longo das seis votações. O enorme mérito de Guterres pulverizou o fato à medida feito para “uma mulher do leste europeu”.

Este capital político reforçado foi bem compreendido por António Guterres que se lhe referiu, não para se autoelogiar (Declaração de Lisboa, 13 de Outubro), mas como exemplo “dos consensos e da unidade” possíveis e necessários de alcançar no futuro, no âmbito do Conselho de Segurança, para a prevenção e resolução de conflitos e de crises.

Guterres sabe bem que não tem o poder de decidir, pois esse poder pertence ao Conselho de Se-

gurança, mas está consciente que do capital político que soube construir, da sua voz e da sua ação dependerá, em parte, o sentido das resoluções que serão aprovadas.

Guterres respeita as instituições, mas não é um institucionalista e por uma boa causa, percorrerá os caminhos necessários para a concretizar. Também por essa razão, a sua eleição é um sinal de esperança para o mundo, pelas suas capacidades de influência, de mobilizar vontades e de gerar consensos. Por perfil e por opção, Guterres não será um secretário administrativo, será um Secretário-geral político e de iniciativa. De iniciativa junto do Conselho de Segurança, não ignorando ou contornando os problemas mais difíceis da vida internacional; de iniciativa junto das partes em conflito; e de iniciativa junto das pessoas mais vulneráveis ou em sofrimento.

“

**O novo processo não poderia ter corrido melhor e será muito difícil, senão impossível, recuar para os tempos do secretismo da escolha que dominou as últimas sete décadas.**

”

Estou convencido que foi por essa razão que, na primeira vez em que se dirigiu à Assembleia Geral (13 Outubro 2016) que o nomeou, por unanimidade, Guterres deixou claro que a Carta das Nações Unidas será a sua agenda, e a dignidade humana o centro da sua ação. Com esta declaração, aparentemente inócua, o novo Secretário-geral identificou o ato fundador das Nações Unidas, através do qual os membros da ONU se vincularam e se comprometem politicamente como o mandato da sua ação, sublinhando, implicita-

mente, a sua única competência política inscrita na Carta, no seu art. 99: “O Secretário-geral poderá chamar a atenção do Conselho de Segurança para qualquer assunto que em sua opinião possa ameaçar a manutenção da paz e da segurança internacionais”.

Em nenhum momento da sua intervenção, Guterres se referiu a assuntos de natureza administrativa ou sequer ao funcionamento da instituição. Pelo contrário, do seu discurso, escrito, constaram outros desafios, sempre de natureza política, como a promoção da Paz, o apoio aos mais vulneráveis, a igualdade de género e a sustentabilidade do planeta.

É provável que no primeiro discurso que fará na qualidade de Secretário-geral já em funções, António Guterres se refira, de modo global, à necessidade de mudanças no funcionamento das Nações Unidas, mas sempre numa perspectiva política, associada à promoção da igualdade de género nos lugares de topo (no momento em que escrevo, leio que Guterres anunciou que vai propor uma mulher para o cargo de Secretária-geral adjunta) e à maior eficácia na gestão dos recursos em prol das missões das Nações Unidas, deixando, certamente, a gestão em concreto destes assuntos encarregar a alguém do seu secretariado.

Em síntese, embora a Carta das Nações Unidas, no seu artigo 98, mencione expressamente o Secretário-geral como “o principal funcionário administrativo da Organização”, o perfil e as declarações de Guterres apontam em sentido oposto.

#### A urgência de por fim à confrontação na Síria e os principais desafios

Este vai ser o seu primeiro desafio: agir na sociedade internacional, sem ser acusado de extravasar as suas competências, nem ferir a susceptibilidade dos países, em particular a dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança.

Este difícil equilíbrio diplomático, que António Guterres já deu provas de saber desempenhar

#### OBJETIVOS DAS NAÇÕES UNIDAS, ART. 1 DA CARTA DAS NAÇÕES UNIDAS

- 1) Manter a paz e a segurança internacionais e para esse fim: tomar medidas colectivas eficazes para prevenir e afastar ameaças à paz e reprimir os atos de agressão, ou outra qualquer ruptura da paz e chegar, por meios pacíficos, e em conformidade com os princípios da justiça e do direito internacional, a um ajustamento ou solução das controvérsias ou situações internacionais que possam levar a uma perturbação da paz;
- 2) Desenvolver relações de amizade entre as nações baseadas no respeito do princípio da igualdade de direitos e da autodeterminação dos povos, e tomar outras medidas apropriadas ao fortalecimento da paz universal;
- 3) Realizar a cooperação internacional, resolvendo os problemas internacionais de carácter económico, social, cultural ou humanitário, promovendo e estimulando o respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais para todos, sem distinção de raça, sexo, língua ou religião;
- 4) Ser um centro destinado a harmonizar a ação das nações para a consecução desses objectivos comuns”

## PERFIL DE ANTÓNIO GUTERRES

Tem 67 anos e é licenciado em engenharia electrotécnica. Foi Deputado à Assembleia da República (1976 – 1983 e 1985 -1995), Secretário-geral do Partido Socialista (1992 – 2001) e Primeiro Ministro de Portugal (1995 – 2002).

Na sua ação política, António Guterres nunca descurou o plano europeu e o plano internacional. Enquanto parlamentar nacional integrou, em várias legislaturas, a delegação à União Inter Parlamentar e foi membro da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa. Na qualidade de líder do Partido Socialista, Guterres foi muito ativo, inclusivamente quando desempenhava as funções de Primeiro-ministro, no quadro do Partido Socialista Europeu (PSE) e da Internacional Socialista (IS), primeiro como Vice-presidente responsável pelo Comité África e mais tarde como Presidente da organização (1999 – 2005). O seu trabalho e as suas qualidades pessoais granjearam-lhe conhecimentos e amizades com outros líderes socialistas (da IS e do PSE), que em muito contribuíram para o sucesso de alguns *dossiers*, em particular no âmbito da Presidência portuguesa de 2000, designadamente a aprovação da Estratégia de Lisboa e a realização, no Cairo, da primeira Cimeira Europa-África, visto por muitos, como uma nova fase na relação entre os dois continentes.

Nos últimos dez anos (2005 – 2015), desempenhou as funções de Alto-comissário para os Refugiados (ACNUR), cuja missão é proteger e apoiar os refugiados de todo o mundo.

António Guterres é dotado de uma invulgar capacidade de diálogo e de comunicação, o que associado à sua simplicidade e afabilidade o aproxima das pessoas. Capacidades e características que tornam evidentes a sua grande preparação intelectual, a sua vasta cultura geral e a sua mundividência.

O novo Secretário-geral da ONU prepara-se muito bem e domina os assuntos como poucos. Gosta de estudar e de estar permanentemente atualizado. A determinação e o foco nas soluções são outras das suas características.

A sua visão do mundo reflete os seus valores humanistas e a profunda solidariedade que devem nortear as relações entre os povos. É essa visão que a partir de Janeiro de 2017 terá voz e ação num mundo com guerras e conflitos evitáveis, se a comunidade internacional quiser agir nesse sentido.

### Lista dos Secretários-gerais da ONU

António Guterres	Portugal	2017-
Ban Ki-moon	Coreia do Sul	2007-2016
Kofi Annan	Gana	1997-2006
Boutros Boutros-Ghali	Egipto	1992-1996
Javier Pérez de Cuéllar	Peru	1982-1991
Kurt Waldheim	Áustria	1972-1981
U Thant	Mianmar	1961-1971
Dag Hammarskjöld	Suécia	1953-1961
Trygve Halvdan Lie	Noruega	1946-1952

com mestria, é essencial para o sucesso de alguns desafios que já tem em cima da mesa antes de tomar posse e onde emergem: a Síria, os refugiados, o terrorismo, o Afeganistão, o Iraque, a Líbia, a Ucrânia, a Coreia do Norte, os desafios do Milénio (Agenda 20/30), onde constam as Metas do Desenvolvimento Sustentável e as questões ambientais com destaque para o aquecimento global. De entre eles, que são infelizmente uma parte dos graves e complexos problemas que afectam o mundo, o novo Secretário-geral das Nações Unidas escolheu o *fim da confrontação* na Síria como a sua prioridade.

De facto, a Síria é, desde há cinco anos, palco de um gigantesco sofrimento humano, com mais de 250 mil mortes e de onze milhões de pessoas forçadas a abandonar as suas casas. Os conflitos começaram, no quadro da Primavera Árabe, contra o regime de Bashar al-Assad; seguiu-se-lhe uma autêntica guerra civil entre as forças leais ao regime e os rebeldes; o Daesh aproveita a beligerância para se instalar e dominar partes importantes do território, como as zonas onde se concentram poços de petróleo; na sequência dos atentados em França e na Turquia, as potências mundiais decidiram bombardear as posições do Daesh; a Turquia ataca grupos curdos na Síria e os interesses divergentes entre a Rússia e os EUA deram uma nova dimensão à guerra.

Atualmente, a Síria é palco de conflitos entre forças locais, regionais e internacionais o que leva alguns analistas a falarem de uma “mini guerra mundial”.

Consciente desta trágica realidade e das suas consequências, Guterres chama a atenção que *esta guerra é trágica para os sírios, mina a estabilidade da região e constitui uma ameaça para a segurança de todos em toda a parte.*

Não se espera de António Guterres qualquer milagre, apenas que ele seja igual a si próprio. Que coloque ao serviço do mundo a energia, a determinação e a inteligência que colocou, por exemplo, no processo que conduziu à autodeterminação de Timor Leste.

Começou bem, ao escolher a Carta das Nações Unidas como a sua agenda, a dignidade humana como o centro da sua ação e pôr um fim às confrontações da Síria como a sua prioridade.

Desejamos que conclua melhor e que a sua ação contribua para um acordar de consciências e o regresso das preocupações humanitárias e das motivações idealistas que estiveram na origem da criação da Sociedade das Nações e das Nações Unidas, dado que se os objectivos políticos globais forem estabelecidos por Guterres com clareza, alcançá-los depende de uma ONU *fit-for-purpose*. ■